

O ENSINO MÉDIO NA ENCRUZILHADA: RESISTÊNCIA SE FAZ COM LUTA!

Por Coletivo do NeseF

Há, no Paraná, 10.270 trabalhadores da área da educação desempregados, pois nos últimos dois anos 3.630 docentes se aposentaram e 6.640 professores temporários (PSS) viram os seus contratos virarem pó na fogueira neoliberal de eliminação de direitos e postos de trabalho. O governo do estado do Paraná – em nome do capital financeiro, através das diversas figuras que hoje se apresentam como arautos em defesa da educação –, saqueou a previdência dos professores; massacrou-os em praça pública (massacre pelo qual, até o momento, ninguém foi responsabilizado); estimula a perseguição e a denúncia de professores por “doutrinação ideológica”; fomenta e fortalece práticas fascistas como o Programa Escola sem Partido; reduziu nominalmente o salário de professores contratados pelo PSS e a hora-atividade estabelecida por lei; fechou mais de 2.000 turmas de Ensino Médio, remanejando alunos; ameaçou, inclusive, fechar escolas; está sendo investigado, via processo instaurado, por desvio de verbas destinadas a obras nas escolas públicas.

Essa política educacional, praticada no estado do Paraná, está em perfeita sintonia com os ditames do governo federal. A Lei 13.415/2017, que trata da reforma do Ensino Médio, a BNCC e todos os documentos que o governo federal e seus parceiros vêm produzindo sobre a educação se voltam para a federalização enganosa do Ensino Médio. Como consequência desse nefasto processo, observa-se a desvalorização dos conhecimentos, das metodologias, da formação, da carreira e da profissão das professoras e dos professores. No plano econômico, o desmonte da educação brasileira busca transformar a educação pública em um balcão de negócios, liberando, desse modo, a verba destinada constitucionalmente à educação pública para empresas privadas.

O MEC repassou, como exemplo, 250 milhões de dólares para instituições financeiras e institutos ligados a grandes organizações. Esse empréstimo, recebido do Banco Mundial, será utilizado na ampliação de recursos tecnológicos em escolas públicas e na formação de novos institutos para a implementação da BNCC. Destarte, um governo que repassa mais de 1 bilhão de reais de dinheiro público para empresas privadas não tem legitimidade para cortar minguados 500 milhões de reais destinados para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

A reforma do Ensino Médio, ao propor manter apenas a matemática e a língua portuguesa como disciplinas “essenciais” na proposta da BNCC, faz uma avaliação falha e insuficiente do problema da organização curricular. Dessa forma, não só a reforma do Ensino Médio mas também a BNCC ignoram a importância das demais disciplinas que, de igual forma, trabalham com o desenvolvimento da

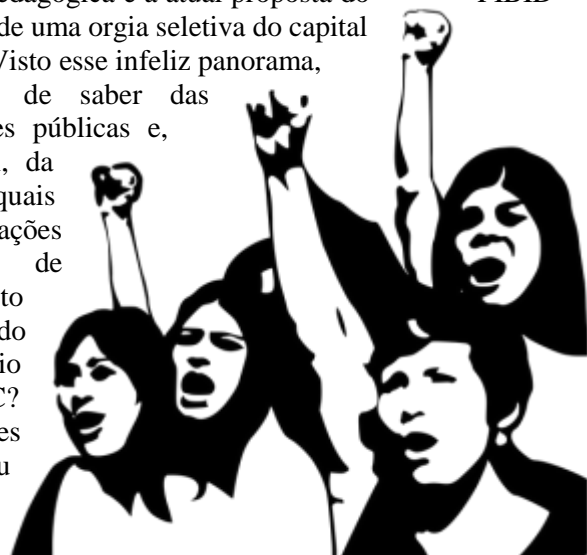
capacidade de leitura, interpretação e cálculo (filosofia, sociologia, história, geografia, artes, educação física, física e química). Ao ser apresentado um currículo fragmentado, voltado unicamente aos interesses imediatos do mercado de trabalho, descaracteriza-se a formação humana, crítica, estética, ética e política. Desconsideram-se, assim, as contradições que subjazem aos processos mais amplos do modelo social e econômico vigente, o que fere diretamente os direitos de acesso das e dos jovens estudantes à educação pública de qualidade e socialmente referendada.

A BNCC visa estabelecer, em grandes áreas de conhecimento, o desenvolvimento de habilidades e competências, retirando, simultaneamente, as especificidades dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos, essenciais para o processo integral de formação humana. Objetiva-se, com isso, ministrar capacidades que, segundo o relatório do Banco Mundial – que pautou até agora todas as medidas de desmonte da educação, inclusive a redução salarial e o saque previdenciário dos professores –, são economicamente valorizáveis, transformando nossa juventude num objeto atrativo para o mercado de trabalho.

Por meio dessa educação “transversal” e “interdisciplinar”, que possibilita aos alunos “escolher” o que desejam estudar, promove-se, com as habilidades e competências da reforma do Ensino Médio e da BNCC, a destruição dos recortes epistemológicos disciplinares. Equivalentemente, as perspectivas epistemológicas e metodológicas, construídas empírica e historicamente na constituição da nossa humanidade, serão substituídas pela aglomeração de habilidades e competências em grandes áreas do conhecimento, por recortes epistemológicos abstratos, arbitrários e incoerentes. Esses recortes não projetam o desenvolvimento humano, cognitivo e crítico das e dos estudantes, e sim promovem apenas o necessário para formar uma massa amorfa e acéfala, que servirá de mão de obra barata para o mercado de trabalho.

Todo esse pacote de maldades do teto de gastos, da reforma do Ensino Médio, da BNCC, da reformulação dos currículos, dos programas de iniciação à docência – como a residência pedagógica e a atual proposta do PIBID

– não passa de uma orgia seletiva do capital financeiro. Visto esse infeliz panorama, gostaríamos de saber das universidades públicas e, em especial, da UFPR quais serão as ações práticas de enfrentamento a reforma do Ensino Médio e a BNCC? Serão ações de luto? Ou ações de luta?



O DESMONTE DA CIÊNCIA E DA PESQUISA NO BRASIL

Por Lafaiete Neves – Professor aposentado da UFPR; lafaiete.neves@gmail.com

As universidades públicas brasileiras, o Sistema Nacional de Pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, estão diante do maior ataque da sua história pelo Governo Temer, que aplicando o congelamento de investimentos por 20 anos, pode deixar milhares de professores e estudantes no Brasil e no exterior sem bolsas de estudos, desmontando assim a pesquisa básica e aplicada e destruindo a ciência brasileira

O sistema atual de pós-graduação deu um salto extraordinário em meados da década de 1980, no Governo Sarney. Em 1987 eclodiu a maior greve nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), que durou 45 dias. Como resultado desse conflito os professores conquistaram o atual Plano de Carreira Docente baseado no mérito acadêmico, que exigia para ingressar na carreira como professor assistente o título de mestre e para professor adjunto o título de doutor. Conseguiram a isonomia jurídica com o fim das Fundações, transformando todas em autarquias, acabando assim com o regime celetista. Para viabilizar o plano de carreira docente era necessário obter a titulação e raras universidades públicas fora do eixo Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e o Rio Grande do Sul, tinham cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado). Tal situação inviabilizaria as conquistas do movimento docente naquela greve.

A estratégia do movimento docente liderado pelo ANDES/SN, que comandou todas as greves desde o início dos anos de 1980, em defesa da universidade pública, foi articular uma ação nacional estimulando os docentes a criarem cursos de pós-graduação *stricto sensu* nas IFES, jogando para a CAPES a aprovação e financiamento dos cursos. A estratégia teve êxito total, em pouco tempo as IFES expandiram e continuam expandindo os cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Nessa época sucedendo o Reitor Riad Salamuni, estava o Reitor Prof. Carlos Alberto Faraco, ambos eleitos diretamente pela comunidade acadêmica. O Prof. Faraco atuou na expansão do pós-graduação, diante da dura realidade dos professores da UFPR, cuja maioria absoluta não tinha titulação. Os professores eram obrigados a cursarem pós-graduação no exterior, em SP, RS e RJ, viajando de ônibus. Era um quadro muito difícil pois a Capes oferecia poucas bolsas, a universidade não podia dispensar das atividades acadêmicas por não ter recursos para contratar professores substitutos. Os professores que saíam para a pós-graduação gastavam do seu salário e tinham que arcar com toda a carga didática, que era pesada.

A realidade da UFPR foi mudando rapidamente. Em 1987, quando eu era Chefe do Departamento de Economia,

com o apoio do Prof. Faraco conseguimos aprovar o primeiro Curso de Mestrado em Desenvolvimento Econômico, no Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sendo acompanhado depois pelo Curso de Administração e Ciências Contábeis. Para montar tais cursos, foi necessário buscar professores em vários cursos da universidade, pois tínhamos muito poucos doutores. Assim fez a maioria das universidades brasileiras, jogando sobre a CAPES a responsabilidade de aprova-los para que a Carreira Docente fosse implantada, fazendo assim avançar a pesquisa e a produção científica.

Foi nessa luta que o Brasil se tornou o 2º Sistema de Pós-graduação implantado fora do 1º. Mundo, tendo a Índia conquistado o 1º. Lugar.

Foi assim que o Brasil se projetou internacionalmente na ciência e na pesquisa nas várias áreas, obtendo autonomia no setor energético, energia elétrica e petróleo, telecomunicações, na energia nuclear com a centrifugação do urânio, na aviação comercial com a Embraer, na agricultura com a Embrapa e pesquisas na área agrônômica das IFES, na área da construção pesada com grandes obras de estradas, pontes e hidroelétricas, saúde com a produção de remédios, rompendo com o monopólio da indústria farmacêutica mundial, deu um salto espetacular na cura das doenças tropicais, na cura do câncer e tantas outras doenças.

Engana-se quem imagina que as medidas do Governo Temer de congelamento dos investimentos públicos são por falta de recursos, pois esses sobram para dar benefícios fiscais à indústria e ao agronegócio, para a exportação de produtos agrícolas, para o pagamento de juros aos bancos que consomem 47% do orçamento nacional. O que está por trás de tais cortes é o desmonte da ciência e da pesquisa nas IFES, responsáveis por 95% da produção científica no país, da indústria nacional e das estatais.

Embraer já foi comprada pela Boeing, as petroleiras já compraram o petróleo do pré-sal, a maior empresa brasileira de energia elétrica foi para leilão, a Embratel já foi, o capital estrangeiro já está adquirindo as empresas educacionais no país e assim estão leiloando o Brasil, só faltando o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal e a Petrobrás, que, com a desvalorização que sofreu com a operação lava-jato, está pronta para ser leiloada a baixo preço.

Estamos diante de um projeto internacional cujo objetivo final é a recolonização do Brasil. Sem ciência e produção tecnológica autônoma, o que nos impõe o capital internacional é sermos mero mercado consumidor das suas mercadorias e dos seus pacotes tecnológicos.

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA PARA A FORMAÇÃO

Por Luciana Vieira de Lima – FACET;
luna-lima@hotmail.com

Atualmente vivemos em mundo marcado pela racionalidade instrumental, pela reificação e pela alienação produzidos pelo capitalismo que possui como traço as relações baseadas na competitividade, desta forma avulta-se a demanda por conhecimentos cada vez mais específicos deixando de lado o pensamento crítico e reflexivo. Neste âmbito é perceptível que a educação escolar não fica isenta dessas determinações e acaba por reproduzir esses comportamentos, abdicando de seu potencial crítico formador.

Cabe então colocar a questão: Quais seriam as possibilidades de resgatar o pensamento crítico e reflexivo na sociedade hodierna? Aqui apresenta-se como possibilidade a experiência estética pautada na filosofia adorniana.

Para Theodor Adorno, a experiência estética apresenta a possibilidade de nos desprendermos da lógica da racionalidade instrumental, para tanto é preciso compreender que não é qualquer arte que pode proporcioná-la, pois existem aquelas que estão totalmente subordinadas à indústria cultural, que visam apenas a produção em série e a constituição de uma cultura de consumo, que tem como finalidade padronizar e normatizar o comportamento do indivíduo com o objetivo de auto preservar o sistema capitalista, anulando o distanciamento entre o sujeito e o objeto, comportamento indispensável para uma efetiva experiência estética.

É importantes destacar que a experiência não pode ser confundida com vivência. A primeira necessita da crítica, da reflexão e da consciência, isto é, ela é ativa e processual uma vez que requer tempo, necessitando, assim, da continuidade. Já a segunda, está vinculada a uma passividade do sujeito, é como se ele fosse apenas um mero espectador;

Destarte o filósofo adverte que a efetiva experiência estética só é possível por meio das obras de arte autênticas que mantêm sua autonomia porque se orientam apenas pela sua própria composição e não por elementos exteriores, colocando-se como uma força negativa de estranhamento por parte do indivíduo em relação à realidade, causando uma espécie de estremecimento ou choque, assim a arte é a expressão do não idêntico.

Neste sentido, a mimese é fundamental para que a experiência estética ocorra, pois possibilita o estremecimento ao reivindicar a natureza que fora reprimida outrora pela razão.

No processo mimético, o indivíduo se reconhece no outro, mas ele não é o outro, precisando de um momento racional; para isso, a *mimeses* possui uma dimensão do

A experiência estética apresenta a possibilidade de nos desprendermos da lógica da racionalidade instrumental

pensar, pois quando o sujeito compreende que não é o outro, ele necessita do discernimento, sobretudo do distanciamento do objeto. Percebe-se que a *mimeses* é uma assimilação do outro, ou seja, daquilo que lhe é diferente, e que para compreendê-lo é preciso imitá-lo, assim ela é uma prerrogativa particularmente humana ao que tange o mundo objetivo.

Deste modo pode-se afirmar que nas obras de arte autênticas há certo equilíbrio entre os elementos miméticos e racionais, possibilitando com que elas possam manifestar algo de objetivo, exprimindo uma forma enigmática. Isto é possível porque a sua linguagem esquiva-se da esfera da lógica discursiva, proporcionando que o espírito da obra de arte libere os seus conteúdos objetivos. Contudo, o espírito na obra de arte exprime o elemento racional, porque concebe a mediação entre a criação artística e aquilo que nela se institui objetivamente e está inteiramente vinculado ao elemento mimético, proporcionando o enigma que impõe uma interpretação.

O enigma não deve ser confundido com uma charada, que traz a priori a resposta, ele é uma reflexão no interior das obras, para tanto é preciso experienciar o processo que a constitui, bem como aquilo que a sedimenta como seu processo histórico e sua técnica. Desta forma, a experiência estética não é imediata (fruição) e não pode ser pautada pela intuição, é preciso entregar-se a obra. Neste contexto, ela assume um papel formativo. O caráter enigmático só poderá ser compreendido na própria estrutura da obra, que indica o seu significado, mas também o oculta. À vista disso, a reflexão filosófica crítica é o fator que possibilita o seu desvelamento.

Por fim, a experiência estética adorniana pode fornecer uma possibilidade transformadora frente a nossa sociedade coisificada, pois só se pode falar em formação quando esta for pensada como um processo que valoriza os conhecimentos espirituais que vão além da cultura atual e da cultura burguesa, que separam a arte para cada esfera social, deste modo a educação escolar possui um papel indispensável para resgatar o sentido estético como forma de conhecimento e de requerer a arte para todos, diluindo o senso comum de que ela é apenas para alguns escolhidos. É fundamental e necessário promover a arte como experiência formativa.

DIA DO SURDO: UM CONVITE PARA REFLETIR SOBRE O VALOR DA LIBRAS NA FORMAÇÃO DA PESSOA SURDA

Por **Edson Teixeira de Rezende** – NeseF, professor de Filosofia; profetr@gmail.com

Inicialmente, é preciso dizer que todo e qualquer processo de relacionamento humano implica, necessariamente, reconhecer traços sociais, culturais, políticos e econômicos. Quando nos propomos a pensar a identidade e afirmação, por exemplo, da pessoa Surda em nossa sociedade, nos deparamos diante de um conhecimento extremamente complexo e singular.

Dia 26 de setembro é considerado um dia de luta para a comunidade Surda. Trata-se de um marco histórico de resistência, de conquistas e de reafirmação dos compromissos e desafios que ainda precisam ser enfrentados. Esta data tem ligação com a criação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). O decreto 6892 de 1908 em seu artigo 17 menciona a data de aniversário do INES e, recentemente, a lei 11796/2008 institui a data como dia do Surdo. Um dos desafios desta luta é pela ampliação do uso da Libras na sociedade e, assim, contribuir com o desenvolvimento humano-intelectual e a identidade do Surdo. Devemos criar meios para alargar o processo de interação e convívio social com os sujeitos surdos.

No ambiente acadêmico o principal desafio consiste em ofertar escolas bilíngues: uso da Libras como língua de instrução e interação. Isso contribui na aquisição dos conhecimentos, na leitura de mundo e constituição identitária. O aprendizado da língua brasileira de sinais permite uma comunicação entre as pessoas valorizando sua condição linguística nos diversos espaços sociais. A oferta da Libras no currículo e curso para a comunidade externo também são medidas afirmativas importante para combater a desigualdade, a ignorância e o preconceito linguístico.

Na formação, a presença de professores Surdos, além do ensino da língua, serve como modelo positivo na construção da identidade. Pois a condição docente demarca capacidade intelectual, metodológico para ensinar ouvintes e Surdos, demonstra de forma positiva a condição linguística visual/espacial da Libras. De acordo com Hall (2011, p.11) “a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade”, o reconhecimento da capacidade racional presente nas pessoas, as condições concretas de sua existência em diálogo com os outros, constitui nossa identidade.

Considerar o papel do *habitus* na constituição é importante, pois “a identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio históricas particulares.” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 4). Ou como assevera Bourdieu (1983, p. 65) *habitus*, é o “sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando

todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções de apreciações e de ações – e torna possível a realizações de tarefas infinitamente diferenciadas”. A comunicação, o acesso ao conhecimento, a interação nos espaços sociais, os artefatos culturais e o pertencimento ocorrem mediado pela língua.

Respeitar o estudante Surdo, passa por reconhecer o papel da Libras no ensino/aprendizado. Conhecer como eles foram tratados ao longo da história, reconhecer o direito de obter conhecimento em escola bilíngue como prevê a lei 10436/2002 e o decreto 5626/2005.

Os educandos surdos possuem a língua portuguesa tanto em seu aspecto escrito quanto oral como segunda língua e a língua de sinais como primeira (o que é denominado bilinguismo). Fator primordial no trato com os conceitos abstratos, pois, para a maioria dos estudantes, há grande dificuldade nessa apropriação. Neste sentido, o uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais) na sociedade colabora com a identidade surda e auxilia no “empoderamento”.

Assumir a possibilidade de pensar a partir da constituição linguística, é afirmar uma posição política de reconhecimento das diferenças, de que os aprendizados ocorrem na heteronomia, não na inferioridade de uns para os outros; na relação de agentes singulares, com os elementos sociais, históricos, culturais e políticos que permeiam o ser no mundo. Vamos juntos com a comunidade Surda afirmar a necessidade de uma educação e um país bilíngue.

AGENDA DO NESEF

03/10 (quarta, às 14:00, sala 240, Rebouças): Organização da Olimpíada Filosófica e apresentação das pesquisas em andamento: Alessandro Corrêa e Raquel Zanini

10/10 (quarta, às 14:00, sala 240, Rebouças): vídeo Aula 1 – O Método em Marx (José Paulo Netto)

17/10 (quarta, das 7:30 às 12:00, Col. Ângelo Gusso): Olimpíada Filosófica do Colégio Estadual Ângelo Gusso.

17/10 (quarta, às 14:00, sala 240, Rebouças): Vídeo Aula 2 - O Método em Marx (José Paulo Netto)

19/10 (sexta, das 8:00 às 18:00, Rebouças): Olimpíada Filosófica

27/10 (sábado às 14:00, sala Anfiteatro 400): Sessão Cineclubista – Terra em Transe, de Glauber Rocha

27/10 (sábado às 15:00, Parque das águas em Piraquara): Filosofia no parque com o Prof. Sypriano

31/10 (quarta, às 14:00, sala 240, Rebuças): Vídeo Aula 3 - O Método em Marx (José Paulo Netto).